



Casa Roberto
Marinho
celebra cinco
anos e inaugura
três exposições
com obras
do modernismo
brasileiro e de
arte popular

Exposição *Coleção no seu tempo*
Carlos Vergara, *Sem título, Série Prospectiva*, 2020
Foto: Jaime Acioli

Enquanto a produção de Maria Leontina é exaltada na mostra "Gesto em suspensão", peças das coleções de Lélia Coelho Frota e de Roberto Marinho são exibidas em "A criação do artista popular" e "Coleção no seu tempo"

MARIA LEONTINA – GESTO EM SUSPENSÃO

Curadoria: Alexandre Dacosta



Maria Leontina, *Série As Orantes*, 1966 Foto: Jaime Acioli

Na celebração do seu quinto aniversário, a Casa Roberto Marinho apresenta, no piso superior, um encontro entre Maria Leontina e Lélia Coelho Frota, ao evocar os quase 30 anos de convivência poética e afe-

tiva dessas duas figuras da arte brasileira, grandes amigas e cúmplices em vida. Para Lauro Cavalcanti, diretor do ICRM, associar a pintora e a escritora no mesmo tempo e espaço faz sentido pela *"liberdade que exerciam"* e pela *"coincidência de seus repertórios que mesclavam, sem distinção, passado e contemporaneidade"*.

Gesto em suspensão reúne do primeiro andar da Casa cerca de cem pinturas, desenhos e gravuras de Maria Leontina (São Paulo, 1917-Rio de Janeiro, 1984) em um recorte inédito, afetuoso e sensível de sua obra. Trabalhos raramente exibidos de diversas fases das décadas de 1940 a 1980, fazem parte da seleção de Alexandre Franco Dacosta, filho da pintora, também artista visual, compositor e cineasta.

Nome de destaque do modernismo brasileiro, Leontina explorou o figurativismo de cunho expressionista, como se vê na obra *"Retrato de mulher"*, 1949, e na série *"As Orantes"*, 1966-1967. A partir da década de 1950, passa para o abstracionismo, representado na mostra pela pintura *"Da paisagem e do tempo"*, 1950, bem como pela série *"Os jogos e os enigmas"*.

Na década de 1960, realizou um painel de azulejos para o Edifício Copan e vitrais para a Igreja Episcopal Brasileira da Santíssima Trindade, ambos em São Paulo. Apesar de sua relevância, há muito tempo não se realizava uma exposição extensa dedicada à obra de Leonтина e *Gesto em suspensão* cobre esta lacuna.

“Minha mãe realizou uma pintura entre linhas, entre versos. No hiato, no espaço entre, onde o gesto tinge com leveza a superfície preenchida e aprofunda a percepção de um olhar ampliado pela poesia. Se o ar

se refaz líquido, se a matéria se reduz a pó, há algo de imaterial na sua pintura que emana de suas pinceladas e que estão em constante levitação, como se uma brisa contínua soprasse sua forma, sua cor. Uma pintura flutuante, liberta, sem linha do horizonte para sustentar seu voo”, escreve o curador no texto de apresentação.

A montagem inclui comentários críticos de Ferreira Gullar, Frederico Moraes, Mario Pedrosa, Paulo Herkenhoff e Paulo Venancio Filho.

A CRIAÇÃO DO ARTISTA POPULAR

Curadoria: João Emanuel Carneiro



Júlio Martins da Silva, *Chegando em casa*, 1974
Foto: Mário Grisolli

No mesmo andar, uma sala é dedicada à mostra *A Criação do artista popular*, que pela primeira vez exhibe a coleção de Lélia Coelho Frota (1938-2010). Poeta, en-

saísta, museóloga, historiadora da arte e antropóloga carioca, Lélia foi responsável por trazer à luz trabalhos de artistas populares, genericamente referidos como artesãos do folclore popular, através da publicação de sua autoria *“Mitopoética de 9 Artistas Brasileiros”* (Funarte, 1978).

Para o autor de teledramaturgia João Emanuel Carneiro, filho da colecionadora e curador da mostra, a mãe foi muito precursora ao legitimar esses artistas que eram invisibilizados. Ao longo dos anos, Lélia fez verdadeiras expedições ao interior do Brasil em busca da arte desenvolvida longe do academicismo, baseada no saber popular e autodidata.

“Era final da década de 1970. Eu, uma criança pequena, acompanhava minha mãe na peregrinação à casa de

um dos artistas populares que ela elegera para participar do livro 'Mitopoética'. A casa ficava no Vale do Jequitinhonha, seguíamos um guia. Era preciso atravessar uma pinguela num rio, com medo de picada do barbeiro, até finalmente chegarmos na casa de pau a pique, sem luz e chão de terra batida aonde minha mãe iria entrevistar o artista."

Na mostra, estão cerca de 40 peças da coleção iniciada na década de 1970, em que os gostos de Lélia se refletem em muitas camadas. A espiritualidade, por exemplo, pode ser vista em algumas das 12 obras de Júlio Martins da Silva (1893-1978), seu pintor favorito de acordo com João Emanuel. Dentre os trabalhos de outros talentos revelados pela antropóloga, ganha

destaque "*Central do Brasil*", de Manuel Faria Leal, que pintava espaços urbanos e faz uma interessante interpretação popular da vida do carioca no século 20, nessa tela de grande dimensão.

O curador aponta também para o bordado de Madalena dos Santos Reinbolt (1919-1977): "*Ela trabalha a tapeçaria com fios coloridos, entrelaçando-os como se fossem uma pintura*", descreve. Nascida em Vitória da Conquista, Bahia, Reinbolt foi uma mulher preta que não teve acesso à educação formal. Na década de 1940, mudou-se para o Rio de Janeiro para trabalhar como empregada doméstica e foi cozinheira na casa da arquiteta e urbanista Lota de Macedo Soares e da poeta norte-americana Elizabeth Bishop, em Petrópolis.

COLEÇÃO NO SEU TEMPO

Curadoria: Lauro Cavalcanti

No térreo da Casa Roberto Marinho, está a exposição *Coleção no seu tempo*, com 44 obras do acervo, escolhidas por Lauro Cavalcanti para a ocasião celebrativa. Há trabalhos de Anna Bella Geiger, Antonio Bandeira, Carlos Vergara, Frans Krajcberg, Iberê Camargo, Luiz Aquila, Mira Schendel, Rubem Valentim, Wanda Pimentel e Yolanda Mohalyi, entre outros. A seleção inclui também aquisições recentes da coleção e trabalhos que serão exibidos pela primeira vez, como *Cosmos jaune*, 1972, de Arthur Piza; *Paisagem*, de Manuel Messias, e uma serigrafia sem título, de 1977, de Emanuel Araújo.

Ingeborg ten Haeff, *To a different drum*, 1965

Foto: Jaime Acioli





Manabu Mabe,
Vitória, 1965
Foto: Divulgação

Em destaque, pinturas de grande formato, como as de Di Cavalcanti, Ingeborg ten Haeff, Jorge Guinle Filho, Manabu Mabe, Raul Mourão e Tomie Ohtake, além de obras atípicas de estrelas do modernismo brasileiro, como as de José Pancetti. Há, ainda, gravuras concebidas especialmente para mostras anteriores da Casa Roberto Marinho por Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Carlito Carvalhosa, Luiz Zerbini, Paulo Climachauska, Regina Silveira e Vania Mignone.

A exposição se encerra com uma cronologia que apresenta a sequência de ações do instituto, desde a sua fundação em 2018, com acesso a informações por meio de QR Code. *“Através de mostras de acervo periódicas, a Casa Roberto Marinho reafirma-se como um centro ativo de referência em artes plásticas e cumpre um importante papel, permitindo ao público reconhecer a diversidade de repertório de alguns dos nomes mais relevantes da arte brasileira”,* diz Cavalcanti.

SERVIÇO

Exposição Maria Leontina – Gesto em suspensão

Exposição A criação do artista popular | Coleção Lélia Coelho Frota

Exposição Coleção no seu tempo | Coleção Roberto Marinho

Até 16 de julho

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h (entrada até às 17h15)

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

Ingressos: R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca

Aos domingos, “ingresso família” a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas

A CRM respeita todas as gratuidades previstas por lei

A Casa Roberto Marinho é acessível a pessoas com deficiência

<https://casarobertomarinho.org.br/>